



Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

410. UMA RELEITURA EMOCIONANTE

Ensaísta e historiador dos mais notáveis, escritor dos melhores do nosso país, Batista Pereira (1880-1960) nasceu no Rio Grande do Sul, mas viveu a maior parte de sua vida em São Paulo e no Rio de Janeiro, incluindo uma passagem por Campinas, onde concorreu com Coelho Neto em famoso concurso para provimento da cadeira de Literatura do tradicional “Culto à Ciência”, em seu tempo denominado simplesmente “Ginásio do Estado”. Retirando-se depois para São Paulo, aí exerceu o jornalismo em diversos órgãos da imprensa paulistana.

Ingressando na carreira diplomática, serviu como secretário de Ruy Barbosa na delegação brasileira à Conferência de Haia, em 1907. Muito afeiçoado a Ruy, de quem se tornou genro, dedicou muitos anos de sua vida a falar e a escrever sobre o grande brasileiro, especialmente após o seu falecimento em 1923.

Como ensaísta o historiador deixou Batista Pereira uma obra vasta e variada, na qual merecem atenção especial “Civilização contra Barbárie”, “Formação espiritual do Brasil”, “Figuras do Império e outros ensaios” (volume inicial da preciosa coleção “Brasiliana”), “Vultos e episódios do Brasil”, “Diretrizes de Ruy Barbosa”, “O Brasil e o anti-semitismo”, “Pelo Brasil maior” e “A Cidade de Anchieta”, ensaio precioso de reconstituição de São Paulo no século XVI e que constitui, inegavelmente, seu mais importante trabalho de pesquisa histórica.

Tendo se manifestado franca e abertamente por São Paulo na Revolução de 1932, foi preso e recolhido à chamada “Sala da Capela” do presídio de rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Ali, fez circular entre seus companheiros de prisão um jornal manuscrito intitulado “Diário da Capela”. Finda a revolução, todo o material desse pequeno jornal foi reunido em livro que recebeu o mesmo título do jornalzinho. O bambardeio de Campinas pelos aviões da ditadura inspirou-lhe certamente a mais bela página sobre nossa cidade, mas hoje completamente esquecida. Tentamos avivá-la, reproduzindo-a em nossa “Notícia Bibliográfica e Histórica” (nº 59, julho/agosto de 1974).

E justamente na fase em que nos encontramos das mais diversas e variadas releituras, chegou a vez de retermos o “Diário da Capela” e não foi sem emoção que o fizemos. Como não vivemos no Estado de São Paulo na época da gloriosa revolução de 1932, ao retornarmos após o movimento, procuramos, como compensação, tomar conhecimento de tudo quanto se publicara sobre a gloriosa epopéia. E dentre esses livros, nenhum nos emocionou mais do que o “Diário da Capela”, de Batista Pereira, razão de sobra para a sua evocação nesta breve nota. 24-5-2003.

411. PADRE JOSÉ MAURÍCIO

Numa das últimas vezes em que tivemos a oportunidade e o privilégio de um encontro com a saudosa musicóloga e maestrina Cleofe Person de Matos - isto há cerca de uns vinte anos - teve ela a gentileza de nos mostrar o catálogo que vinha elaborando da obra do compositor carioca Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). Foi incansável a saudosa autora em lutar pelo reconhecimento dos seus méritos, cuidando, sempre que possível, da apresentação de suas obras pela Associação de Canto Coral, por ela fundada e dirigida no Rio de Janeiro. E de toda a sua árdua tarefa como regente, musicóloga e pesquisadora resultou o reconhecimento cada vez maior do modesto compositor que, mui tardiamente embora, teve assim reconhecidos os seus méritos.

Em modestos rabiscos que também tivemos oportunidade de publicar sobre o compositor, procuramos mostrar a participação que, para

o reconhecimento dos méritos de José Maurício, teve o Visconde de Taunay, que sobre ele publicou dois livros, reeditados nos anos 20 do século passado.

Felizmente, dispomos atualmente de gravações excelentes de algumas de suas maiores obras, em cujo acervo merecem destaque três Missas, um “Te Deum”, uma “Sinfonia Fúnebre”, uma ópera (“Zelmira”), as “Matinas para o dia de Finados”, diversos motetes e o grandioso “Officium 1816”, extensa obra constituída de 34 tópicos todos da mais alta espiritualidade.

Narra o Visconde de Taunay o interesse demonstrado por José Maurício da parte do Segismundo Neukomm, compositor austríaco contratado por D. João VI para prover de música a corte do Rio de Janeiro: “Os brasileiros nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais estupendo quanto tudo nele era fruto dos próprios esforços. Eu não cansava de admirar, eu, cheio das lições de Haydn, eu, que, por parte desse adorado mestre terminei suas obras deixadas incompletas, quantas vezes não me corriam as lágrimas, ao lado de José Maurício!”. E Taunay assim comenta esse cardial encontro dos dois grandes mestres: “Era a grandiosa escola alemã, dos Haydn, Mozart e Beethoven apertando em seus braços o inspirado discípulo, o pobre e modesto, mas imorredouro mestiço brasileiro, neto de uma negra da Costa d’África reduzida à escravidão pela maldade dos homens”.

É uma pena que com a desativação dos antigos discos LPs, constantes de suas obras, tenham estes desaparecidos da “circulação”... Esperamos que no processo dos CDs atualmente em uso, possamos ter novamente as obras do grande compositor carioca. A evocação de seu nome em nosso “rabisco” de hoje vem a propósito do transcurso de seu natalício no ano de 1767. 20-9-2003.

412. CURIOSAS “CARTAS” SOBRE O BRASIL

Em nosso vasto e variado programa de releitura de viajantes estrangeiros que escreveram sobre nosso país, e que já se encontram

traduzidos (pois as edições originais são de difícil acesso) chegou a vez de reler as curiosas “Cartas do Brasil”, de Max Leclerc, divulgadas em excelente tradução de Sérgio Milliet como volume 215 da preciosa (e saudosa) coleção “Brasiliana”, no ano já longínquo de 1942.

Jornalista francês mandado ao Brasil pelo “Journal des Debats” à cata de novidades logo após a proclamação da República, Max Leclerc publicou em livro as cartas que enviou para o seu jornal e que constituem excelente material para o conhecimento do ambiente brasileiro nos primeiros dias do novo regime. A edição original (“Lettres du Brésil”) saiu em Paris, em 1890, pela Livraria Plon.

Sérgio Milliet enriqueceu o livro com excelente prefácio, salientando os defeitos e as qualidades dessas crônicas, que considera uma das primeiras reportagens modernas. O que viu e ouviu esse reporter - lembra Milliet - pode não nos agradar inteiramente, pois embora se mantenha num elevado nível de linguagem, sublinha defeitos graves de nosso temperamento e erros lamentáveis em nossa administração. Entretanto, trata-se de um testemunho que não temos o direito de ignorar e que, sem dúvida alguma, poderá contribuir em muitos pontos para esclarecer esse período de nossa história, qual seja os primeiros tempos do período republicano.

Não raro descamba o autor para julgamentos apressados, superficiais, baseados em observações rápidas ou informações de terceiros, muitas vezes suspeitos, e que devem ser postos de “quarentena”, principalmente no que concerne à psicologia do nosso povo, coisa bem mais complexa do que pôde imaginar o autor. Nem devemos esquecer, ao considerar suas “cartas”, a perspectiva do tempo ou seja a carência do recuo imprescindível a uma apreciação realmente imparcial e completa do movimento de 1889. Movimento que não deve ser chamado de “revolução”, pois este termo implica em modificação de usos e costumes, de instituições, de filosofia de vida e nada disso houve no Brasil.

A República apenas mudou a forma de governo pouco se fazendo se sentir a sua influência na vida cotidiana, nos hábitos e nas preocupações do povo brasileiro. Alguém já disse que a República no

Brasil apenas substituiu um Imperador vitalício por um Presidente eleito de quatro em quatro anos. Se bem que... houve um... que ficou quinze anos praticamente sem ser eleito...

Sérgio Milliet observa com propriedade que “as qualidades e os defeitos” do livro, bem passados honesta e desapaixonadamente, como que se equilibram, o que lhe pareceu suficiente para justificar sua tradução, ainda mais que, na época (1942) era bem escassa a bibliografia referente ao período republicano. 27-9-2003.

413. GRAMÁTICO E TEÓLOGO

Difícil encontrar alguém que, no início do século passado, não tenha utilizado para os seus estudos de língua portuguesa as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira, assinando sempre seus livros como professor do Ginásio do Estado, na capital paulista. Tanto na “expositiva”, como na “histórica”, as obras do ilustre professor destacavam-se, fazendo jús à prioridade pelo seu estilo simples, claro, embora erudito, permitindo aos seus leitores um conhecimento da língua na maneira mais completa possível, inclusive afastando de seus usuários a idéia generalizada das dificuldades derivadas de numerosos outros autores em obras congêneres.

Seu autor, mineiro de Caldas (e não de Campanha, como erroneamente informa Raimundo de Menezes em seu conhecido “Dicionário de Literatura”) nascido na data de hoje do ano de 1855, foi das figuras mais expressivas da vida cultural paulista. Ao lado de sua qualidade de “mestre da língua”, teve a ocupá-lo uma acentuada dedicação à causa religiosa através da Igreja Presbiteriana, à qual se filiou ainda em sua cidade natal e da qual se tornou, em certa época, sua figura mais representativa.

Não se conformando com a vinculação então existente entre as igrejas protestantes do Brasil e as dos Estados Unidos (estas, pelas obras de seus missionários) lutou denodadamente pela criação de um protestantismo inteiramente desvinculando das igrejas do exterior, o que foi obtido com a criação, precisamente há cem anos (1903) de uma Igreja Presbiteriana Independente.

Sua atividade religiosa, daí por diante, correu parrelha com a sua qualidade de mestre da língua, mas passou a absorver a partir de certo momento a maior parte de suas funções. Quase se poderia dizer que o gramático cedeu lugar ao teólogo. Deixou diversos livros, dentre os quais julgamos oportuno mencionar “O problema religioso da América Latina” (que mereceu resposta de uma das maiores figuras da Igreja Católica, nada menos que o Padre Leonel Franca, em seu livro “A Igreja, a Reforma e a Civilização”). Outro de seu livro, também polêmico, “A Maçonaria e a Igreja Cristã” (no qual discute a incompatibilidade das duas entidades) e nos inúmeros trabalhos menores, mas não menos interessantes do ponto de vista teológico.

Os últimos anos de sua vida (faleceu a 2 de março de 1923) foram dedicados ao pastorado da Igreja de sua denominação na capital paulista, então localizada à rua 24 de Maio, em pleno centro da cidade. Com as freqüentes reformas do ensino secundário em nosso país, a própria estrutura da programação didática sofreu alterações, de maneira que suas preciosas gramáticas deixaram de ser editadas e, de acordo com os padrões novos, foram consideradas superadas... Cremos, entretanto, que, pelo menos a “Gramática Histórica” mereceria ainda a consideração dos “experts” pela quantidade e qualidade das lições que encerra. 8-11-2003.

